

LINGUAGEM TURBULENTA LINGUAGEM

LANGUAGE TURBULENT LANGUAGE

Inezinha Brandão Lied

Psicanalista

Membro da Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica

li84@floripa.com.br

RESUMO

Tomando a especificidade e a singularidade da fala na experiência analítica, na qual o analisante diz mais do que crê dizer, o presente texto transita pela turbulência da linguagem, passando, necessariamente, pelo que nominou Lacan de *linguisteria (linguisterie)* para chegar à invenção de significantes novos em direção ao *saber-fazer-ali-com*.

Palavras-chave: Linguisteria. Lalangue (alíngua). Saber-fazer-ali-com. Significantes novos.

ABSTRACT

Taking the specificity and singularity of the speak in the analytical experience, in which the analysand says more than he believes he says, the present text walks through the turbulent language, passing, necessarily, by what Lacan nominated the *linguysteria (linguisterie)*, to get to the invention of significant news in direction to *know-do-there-with*.

Key-words: Linguysteria. Lalangue (thelanguage). Know-do-there-with. Significant news.

Longe do equilíbrio, o papel construtivo da irreversibilidade torna-se ainda mais impressionante. Ela cria, ali, novas formas de coerência. [...] é graças aos processos irreversíveis associados à flecha do tempo que a natureza realiza suas estruturas mais delicadas e mais complexas. A vida só é possível num universo longe do equilíbrio.

Prigogine. O fim das certezas.

Suspensão das regras e irrupção do inesperado e do imprevisível. Quebra do procedimento, fim da receita: a poesia é sempre uma alteração, um desvio linguístico. Um desvio criador, que produz uma ordem nova e diferente.

Otávio Paz. Convergências. Ensaios sobre arte e literatura.

1 INTRADUZINDO

Linguagem, língua, *lalangue (alíngua)*¹. Fala, palavra. Falam as palavras. Palavras, somente palavras? Certamente não são meras palavras; trata-se de termos definitórios da experiência analítica, muitas vezes confundidos entre si. Termos caros à Lacan e, por isso mesmo, objetos de rigorosa investigação em seu percurso. Na práxis poética da análise, já não se trata da palavra isolada, mas sim da fala e de seu poder transformador, conforme afirmou Freud em 1923 (FREUD, 1976, p. 32-41).

Ao falar, o sujeito também se escuta e assim a linguagem toma corpo, corporiza-se mais além do ato de emissão. É o que acontece, por exemplo, com a ocorrência de um *lapsus linguae*, pois, de maneira geral, nos damos conta de sua ocorrência e isto tem consequências: de um lado, o falar determina uma benéfica desapropriação; de outro, o fato de escutar-nos dá lugar a uma “Outridade”².

Para Fernando Pessoa (1998, p. 262), “a palavra é, em uma só unidade, três coisas distintas: o sentido que tem, os sentidos que evoca, e o ritmo que envolve esse sentido e esses sentidos”. Esta colocação de Pessoa ilustra que, também para o poeta, a palavra não é somente a palavra isolada. A palavra, então, evoca sentidos, é “evocativa” como pontua Lacan (1998, p. 301) em *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise*. Ao evocar, contraria o uso corrente da linguagem como simples meio de informação e de comunicação. Em nossa práxis, não se trata de traduzir ou decodificar um código pré-estabelecido, sempre idêntico, mas inversamente trata-se de trabalhar com os equívocos. De tal forma, o campo da linguagem na qual operamos como psicanalistas é muito distinto daquele concebido como próprio da comunicação humana.

Na Conferência de Genebra, em 1975, Lacan (1993, p.125) indica a complexa relação entre o corpo e a palavra: “o homem pensa com a ajuda das palavras e é no encontro entre essas palavras e seu corpo onde algo se esboça.” Encontro que se evidencia mais por desencontros, testemunhados cotidianamente na clínica psicanalítica como demonstra o sintoma em sua encarnação corporal. Efeito das palavras, efeito de sentido. “As palavras fazem corpo e isso é o inconsciente” (LACAN, 1977a). Cabe precisar: significante não é o mesmo que palavra, no entanto, o significante pode ser palavra, como também pode ser uma frase que vai gerar algum tipo de significado.

Nesta instigante experiência *palavreira* que toca a todos nós enquanto seres falantes, enquanto *parlêtre*³, para usar o termo francês escolhido por Lacan, e especialmente enquanto analistas, a simples regra fundamental - FALÉ - faz descortinar, na cena analítica, o universo *linguístico*⁴, derramado em queixas, sintomas, enigmas. Aí nos deparamos com a singularidade da fala analítica, na qual o sujeito diz o insabido e não somente o que sabe. Para dizer de outra forma: o analisante diz mais do que sabe, diz sem saber desse saber insabido.

Entre a língua e *alíngua* (*lalangue*) há um abismo.

Aprisionado em seu sintoma, amarrado "gozosamente" em seu próprio discurso o analisante fala, fala e fala ...

E o analista? O analista escuta, lê o que diz seu analisante. Mas como o faz? No *Seminário 24, L'insu*, Lacan (1977b) nos dá uma indicação: "o psicanalista [...] depende da leitura que faz de seu analisante, do que este lhe diz em seus próprios termos, que crê dizer-lhe. Isto quer dizer que tudo que o analista escuta não pode ser tomado ao pé da letra."

Sendo a linguagem uma "lucubração de saber sobre *alíngua*" (LACAN, 1985a, p. 190), não tomar ao pé da letra implica "saber ler de outro modo" (LACAN, 1977c), tomando *alíngua* uma a uma, singularizada, fora de qualquer universalização. Há um saber fazer com *alíngua* que ultrapassa tudo que poderia ser abrangido sob o que chamamos de linguagem.

Assim trabalhando, não tomando ao pé da letra, mas escutando diferencialmente o que diz o analisante, o analista poderá extrair a letra encarnada sintomaticamente na língua para escutar *alíngua*. Dessa forma, abrirá caminho para "arrugar (*chiffonner*) as palavras", para amassar as palavras, sem tomar como pressuposto nenhum "texto de base", que hipoteticamente estaria inscrito em um questionável aparato psíquico (HARARI, 2001, p. 30).

Entre a língua e *alíngua* há homofonia, que requer a escritura para determinar a diferença.

Se a "linguagem não pode avançar, senão torcendo-se e enrolando-se" (LACAN, 1991, p. 98), vamos proceder do mesmo modo para chegar ao objeto de interesse destas linhas – invenção de *significantes novos*. Da mesma forma, poderia a psicanálise avançar sem nutrir-se com as importações teóricas de outros campos, como a física - mais diretamente a teoria do caos - e a poética? Sabemos que tanto Freud quanto Lacan tomaram conceitos e noções de outros campos, fertilizando suas investigações. Deixando em aberto a pergunta, convido-os a transitar pela turbulência da linguagem até a passagem do inconsciente para a pulsão, em direção ao *saber-fazer-ali-com*, tomando como norteadores deste caminho os *Seminários 24 e 25* de Lacan, *L'insu... e momento de concluir* respectivamente, em uma leitura conjunta com *A pulsão é turbulenta como a linguagem*, de Roberto Harari (2001).

2 LINGUAGEM, LÍNGUA, ALÍNGUA

Tendo assinalado que linguagem, língua e *alíngua* são termos conceituais definidores da experiência analítica, distintos um do outro, para seguir nosso desenvolvimento é pertinente apresentar, ainda que brevemente, algumas considerações sobre os mencionados termos.

Sobre a linguagem, cabe perguntar: quando falamos em linguagem, que linguagem é essa que interessa à psicanálise? Pois bem, para a psicanálise interessam precisamente as falhas na linguagem, os *lapsus*, os atos falhos, ou seja, tudo aquilo que é considerado resto, dejetivo e é desprezado por outras disciplinas por ser considerado de ordem menor, sem importância. Esse é o material de trabalho para o psicanalista e tomamos a precisão que faz Roberto Harari (2003a, p. 143) a respeito:

que estranha disciplina é esta, a nossa, na qual se privilegiam as construções gramaticalmente mal realizadas, as dúvidas, as vacilações, os tartamudeios, as palavras e as mensagens inconclusas, as recordações anódinas que não desaparecem, o balbúcio de canções bobas mas sem embargo altamente recorrentes, os nomes próprios cuja incorreção não deixa lugar a dúvidas, mas que se impõem de modo inevitável? E assim seguindo ... Pois bem, a disciplina que tem por âmbito o cernido por este perímetro foi nominada por Lacan – mediante uma impecável *boutade* – como *linguisteria*. Esta nomeação, como se deduz, embute em uma só palavra a linguística com a histeria, determinando assim seu co-pertencimento, sua implicação recíproca. Melhor dito: subverte a linguística ao ‘imbricar-lhe’ a histeria. De tal maneira, já não é mais a linguística dos linguistas, por quanto mudou, de forma irreversível, o habitual objeto de estudo abrangido por essa disciplina (tradução nossa).

A subversão que faz Lacan da linguística estava anunciada em 1972, no Seminário 20, *Mais, Ainda*, quando inventa a palavra-valise *linguisteria*:

Mas se consideramos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou como inconsciente, então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto de *linguisteria* (LACAN, 1985a, p. 25).

Alguns anos mais tarde, em 1977, apesar da admiração e reconhecimento a Roman Jakobson e suas ideias, Lacan (1977d) dispara com firmeza que a linguística é uma disciplina “muito mal orientada”. Assim, marca mais uma vez a distância entre a linguagem dos linguistas e essa nova “disciplina”, *linguisteria*, para dar conta, com esta última, do âmbito circunscrito pela situação analítica. A crítica de Lacan à linguística, em seus últimos

seminários - especialmente o 23 e o 24 - é coerente com seus avanços teórico-clínicos, porque, neste momento de seu ensino, a disciplina (linguística) na qual apoiara suas formulações iniciais, vai dando lugar à topologia, à lógica e à poética. Então, a linguagem concebida de maneira genérica, entendida como ferramenta para comunicar-se e tão fundamental para a linguística, caracteriza-se por uma condição abarcativa, unificante e incorporadora, por isso, insere no imaginário⁵ em sua marcada condição geral e, porque não, universal.

Por sua vez, no que se refere à língua, esta que pode ser adjetivada como corrente, comum, cotidiana, entre outras possíveis adjetivações, inclusive a de língua nacional, fica evidente o seu caráter de relativismo. Portanto, a língua é o que se particulariza do geral da linguagem, ou seja, a língua é particular e como tal se insere no simbólico.

E que dizer de *alíngua* (*lalangue*), essa estranha palavra conceito que certamente não se encontra nos dicionários? Trata-se de um neologismo inventado por Lacan com o qual procura abordar não o particular situável em a língua, mas o singular; *alíngua* é a matéria linguajeira, a matéria fônica com a qual se ocupa a linguahisteria.

Mediante o vocábulo *alíngua*, Lacan procura abordar o Real por um traço que não aponta tão só a dar conta de uma apreensão vivencial atípica e desacostumada. Brinda testemunho de um registro *impredizível* e *intransmissível*, onde a linguagem - enquanto comunicação - não se constitui mais como referência principal, porquanto se destaca como apólogo - ou seja: não se postula como exclusivo - esse bizarro objeto: o lalaleio. E, mercê a este, sublinha o paradigma da repetição, sempre linguajeira (HARARI, 2008, p. 150-151, tradução nossa).

Com o lalaleio, Lacan sublinha uma repetição de ordem fônica, evidenciada na fala do analisante e esta dá lugar a outro registro da fala, absolutamente singular, por isso, insere no registro do Real. Tal registro singular marca a operatória do analista mencionada no início do texto - qual seja a de não tomar ao pé da letra o que diz o analisante, mas inversamente, fazer violência com a linguagem, começando a quebrar as palavras, a embutir palavras e dar lugar a equívocos.

Esta é a operatória do analista proposta por Lacan ao final de seu ensino, uma operatória com o real, que só pode ser abordada por "pedaços", por "pontas", jamais como um todo. Dizendo de outra forma: operatória do real que coloca limite para a operatória do significante, combatendo a cristalizada metáfora significante, pois nem tudo é abrangido e regido pelo simbólico. O real é uma ideia limite do que não tem sentido.

3 LINGUAGEM, TURBULENTA LINGUAGEM

A partir de Joyce, ímpar “alquimista do léxico” (CAMPOS; CAMPOS, 1986, p. 22), e do efeito do ensino de sua obra, Lacan descarta a matriz fonemática como base de seus desenvolvimentos e dá lugar à fonetização da letra, que violenta a identidade dos fonemas definitórios de cada língua (HARARI, 2003b, p. 120).

Lamentando não ter sido mais poeta, Lacan colocou em questão o fato de não ter feito mais violência com a linguagem assim como os poetas. Afinal, o que faz o poeta? Letra a letra, corpo-a-corpo com a palavra, o poeta *versifica*, faz o verso, mas, para fazê-lo, é preciso “lutar contra a literalidade” (KOVADLOFF; HARARI, 1985, p. 8), “contra a palavra constituída”, fixa, rígida, convencional. Lutar contra, não como oposição, mas como *ad-verso* ao sentido comum.

Este é o fio pelo qual nos conduz Lacan – da invenção poética à invenção psicanalítica. Nossa práxis, obviamente, não requer que o psicanalista seja poeta, nem tampouco que escreva versos, porque a psicanálise não é poesia, não buscamos um gozo estético como aquele. Assim, o lamento lacaniano bem poderia estar marcando uma diferença entre poetas e psicanalistas. Do que trata a psicanálise é de tomar a inspiração – *à prendre de la graine*, “estar inspirados por algo da ordem da poesia” (LACAN, 1977b) - para chegar a fazer o “verso”, neste sentido, *ad-verso* ao léxico constituído, convencional .

O ensaísta, crítico e escritor Otávio Paz (1982, p. 47) se refere a esta quebra da linguagem convencional necessária ao poeta:

a criação poética se inicia com violência sobre a linguagem. O primeiro ato dessa operação consiste no desenraizamento das palavras. O poeta arranca-as de suas conexões e misteres habituais: separados do mundo informativo da fala, os vocábulos se tornam únicos, como se acabassem de nascer.

Como pode o poeta conseguir este artifício? Com esta questão ocupei-me em outro texto, sob o título *Artifíciar*, buscando pontos de convergência entre o fazer poético e o fazer psicanalítico (LIED, 1997). Procurando agora avançar com o desenvolvido naquela ocasião, tomo uma referência de Abbagnano (2000, p. 769) sobre a definição de poesia dada por Kant:

O privilégio atribuído ao modo poético de expressão é frequentemente determinado como ‘liberdade’. [...] é a libertação da linguagem de seus usos utilitários. Implica uma “noção de ‘jogo’ para ressaltar o caráter livre da atividade poética em face de qualquer outro fim utilitário; a noção de ‘função do intelecto’ serve para designar a disciplina a que se sujeita a poesia mesmo na liberdade de seu jogo.

Esta referência lança a céu aberto pontos nodais, inegociáveis não só para a poesia, mas também para a experiência analítica, quais sejam: o privilégio da “liberdade”; a noção de jogo para libertar a linguagem de seu uso utilitário; e a disciplina ou as leis (necessárias) para jogar o jogo. Por que realçar estes elementos? Porque mostram que não se trata de uma liberdade ilimitada, irracional, de algo louco, mas que há um jogo a jogar para obter a liberdade de se movimentar fora do utilitarismo da linguagem.

Ao traçar um paralelo entre prosa e poesia, Nelson Ascher (2004, p. 6) apresenta a questão nos seguintes termos:

Idealmente o objetivo da prosa é domesticar o **caos opulento da linguagem**, canalizando-o em emissões de sentido inequívoco. Nada a desmerece tanto quanto chamá-la de ambígua e obscura. O principal elogio que se lhe pode fazer é qualificá-la de precisa e clara. Assim, as virtudes da poesia são geralmente defeitos na prosa e vice-versa. Enquanto um prosador escolhe palavras devido a seu sentido exato, o poeta procura as que tenham vários contraditórios, de maneira a usá-los concomitantemente (grifo nosso).

Para ilustrar outra aresta desta questão, invoco Clarice Linspector (1999, p. 15):

Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras; as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez as diga.

Voltando ao psicanalista, este é conduzido por Lacan (1977d) a outra forma de escuta não metafórica, ou seja, a uma maneira especial de trabalhar com a linguagem, fazendo violência, quebrando a univocidade das palavras para “fazer soar outra coisa que o sentido, pois o sentido é o que ressoa com a ajuda do significante, mas o que ressoa não chega longe, é mais frouxo.” E, se o sentido provoca obstrução, trata-se de gerar uma “*poiética* violência contra a língua constituída” (HARARI, 2001, p. 30), obtendo, como efeito de tal desobstrução, algum grau de liberdade. Esta maneira especial de escutar implica uma operatória específica do psicanalista, já não trabalhando com o simbólico generalizado, mas sim com o real da linguagem que é sempre por pontas, pedaços, fragmentos.

É a obra de Joyce que fecunda para Lacan o caminho para esta nova operatória com o real da linguagem, assim o mestre francês consegue avançar, mostrando a insuficiência de trabalhar com o simbólico generalizado. Liberado do estrangulamento que decorre da metáfora que, muitas vezes, obstrui, congela e paralisa, o analisante abre-se à invenção, tendo

acesso a uma nova e outra condição - a de artífice, responsável por seu *saber-fazer-ali-com*. Nesta direção aponta e consiste a aposta do trabalho psicanalítico em jogo, ao propor-se, nas palavras textuais de Harari (2003b, p. 117):

extrair o sintoma da língua que o fixa e condiciona, levando-o a sua fecunda prenhez por parte da potência inventiva da linguagem, enquanto veículo de combinações insólitas não 'dadas' para ser lidas. Se a língua, então, oprime (limita e reduz), a linguagem – tributária da voz, da pulsão invocante – (se) abre ao horizonte das pontas do Real, em função das quais cabe superar a 'lucubração' freudiana do inconsciente (tradução nossa).

Referindo-se ao inconsciente freudiano como 'lucubração', 'hipótese', 'suposição', Lacan (1985b, p. 25) sustenta o limite e a insuficiência deste conceito definido no consagrado aforismo: "o inconsciente é estruturado como uma linguagem". Assim, forja o caminho para realizar a passagem do inconsciente para a pulsão, mencionada no *Seminário 25*, como um recurso necessário à Freud: "A hipótese de que o inconsciente seja uma extrapolação não é absurda, e é seguramente o porquê do recurso de Freud ao que se chama pulsão" (LACAN, 1977c).

Passar do inconsciente para a pulsão é passar da dialética ao torvelinho, pois assinala Harari (2001, p. 39) que o "espaço pulsional é turbilhonário." Dessa forma, a pulsão não é estruturada como uma linguagem; o aforismo se aplica e se refere ao inconsciente e não à pulsão. Esta, a pulsão, tem outra lógica, uma lógica caótica, da desordem, como propõe Harari, um 'benéfico desequilíbrio' que não desfaz o sistema, mas, através de um "desvio clinamênico", obtém um novo arranjo.

4 SIGNIFICANTES NOVOS - SABER-FAZER-ALI-COM

Na classe de 17/05/77 do *Seminário L'insu*, o psicanalista francês oferece os indícios do que chama *significante novo* e pergunta - "por que não se inventaria um significante novo?" Um significante que é real por não ter "nenhuma espécie de sentido." Um significante que se distinguiria daqueles recebidos do Outro.

Como pensar uma invenção significante? O conceito e a própria denominação de "significante novo" constitui um paradoxo?

Um significante tem o estatuto de novo quando de maneira inesperada, imprevisível surge algo que não estava no repertório habitual do analisante - gerando surpresa, e uma

“benéfica e transitória despersonalização” (HARARI, 2001, p. 39). É um significante fora da cadeia simbólica, portanto, “fora da lei”, fora da língua que desencadeia, pela via pulsional, uma abertura no real. Para precisar ainda mais, na classe de 17/05/77 do *Seminário L’insu*, Lacan insiste que um significante novo “consiste em servir-se de uma palavra para outro uso, que aquele para o qual está feita, se retorce um pouco, e é neste retorcimento que reside seu efeito operatório”.

Mas é efetivamente novo? Sim e não. É um paradoxo, porquanto os elementos não vão mudar, não são novos, são os mesmos elementos que já ali estavam, agora transformados pela invenção - o arranjo sim, é novo. Neste artifício inventivo consiste o *saber-fazer-ali-com*.

É a pulsão, privilegiadamente a pulsão de morte que desfaz as junções ‘indissolúveis’, que desliga, que separa, quebra. “A pulsão de morte é uma tendencialidade do psiquismo a quebrar” (HARARI, 2002). Por esta condição, reconhecemos sua operatória com as letras. Por quê? Porque quando uma palavra se mantém como uma unidade fixa e, mediante o obrar psicanalítico, não conseguimos quebrá-la, deparamo-nos com o estatismo do analisante, “identificado” aos velhos significantes. Contudo, inversamente, se a pulsão de morte opera, as quebras permitem passar de uma letra a outra, dar voltas e jogar com as letras, provocando a saída do estatismo em direção ao turbulento movimento inventivo com a linguagem, abrindo-se a novas combinações.

Coerente com sua leitura da pulsão de morte, Harari (2001, p. 30) propõe, ao analista, “turbilhonar”, como sendo o proceder apto para “combater *sinthomalmente*⁶ tanto a pregnância do sentido unívoco”, em que o léxico e o dicionário de símbolos se equivalem, quanto “a crença na abertura a todos os sentidos”.

É pela operatividade da pulsão de morte - que desfaz, que desamarra - que a invenção tem lugar. Como inventar sem que algo se desamarre, sem que se desequilibre? Não é possível a invenção sem que haja desequilíbrio, desordem. Mas, para onde vão e como encontram lugar estes elementos que se soltaram? Entrará em ação, neste segundo movimento lógico, a pulsão de vida, propiciando uma nova amarração.

Esta assertiva resulta, é corroborada pelo que diz Lacan (1977c) no *Seminário 25*: a análise deve “desfazer pela palavra o que foi feito pela palavra.” Este é um trabalho sério e não um simples jogo de palavras ou letras, assim foi para Joyce e assim foi para Lacan. Se temos a possibilidade de desfazer a palavra como, por exemplo, fez Lacan com *la matière / l’âme-à-tiers*, entre muitas outras, aí está a liberdade de fazer outro uso, fazer outra coisa com

a palavra. O psicanalista francês homenageia Joyce, referindo-se ao escritor irlandês como o introdutor da intradução, pois este último trabalhava seriamente para desmanchar a língua inglesa, inventando palavras, embutindo, retorcendo, desmanchando, ou seja, intraduzindo. Na experiência analítica, já não se trata de procurar o sentido do que tal ou qual coisa quer dizer, mas sim de fazer soar outra coisa, que até então não havia surgido. Esta outra coisa que somente pode surgir a partir da intradução. É no retorcimento da palavra que reside seu efeito operatório. De outro modo: desfazer a língua para gerar *alíngua*.

A invenção de significantes novos acontece como produto e efeito da turbulência com a linguagem na experiência analítica, a qual resulta incrementada e modificada com a noção de “epigênese” e de “contingência” (HARARI, 2002). Incluímos a epigênese⁷ – em oposição ao preformismo – em nosso percurso, em consonância com a proposta de Harari, para marcar a causalidade que está em jogo. De acordo com a teoria do caos, a física do não equilíbrio expressa possibilidades e não mais certezas. Em que isto importa para a psicanálise? Que se abre outro caminho distinto da reversibilidade da metáfora, porque o fato de trabalharmos com possibilidades e não com certezas dá lugar à irreversibilidade. Sobre a irreversibilidade, diz Ilya Prigogine (1996, p. 11): “está na base de um sem-número de fenômenos novos, como a formação dos turbilhões, das oscilações químicas ou da radiação laser. Todos estes fenômenos ilustram o papel construtivo fundamental da flecha do tempo”.

As noções de epigênese e de contingência permitem, dessa forma, ampliar o conceito de significante novo, porque, para o surgimento deste, é necessária uma causalidade irreversível, não reversível como a implicada à formulação freudiana de tornar consciente o inconsciente. Neste caso temos um percurso de ida e volta, portanto, reversível. Epigênese e contingência surgem também como imprevisibilidade dos acontecimentos, dado que o novo arranjo conseguido com o *saber-fazer-ali-com* é imprevisível, singular.

A turbulência da linguagem dá lugar a *significantes novos* consoante com o que diz Harari (2001, p. 59) nos seguintes termos:

[...] invenção de enunciados indecidíveis^{8*} no sistema dado. Mediante tal invenção, o analisante se ‘abre’ para o inesperado e o azaroso do encontro. Assim ao permitir-se-lhe o lançamento das letras para sua captura por parte de um atrator estranho, consegue poetizar desde as pontas do Real, já que, paradoxos mediante, as noções de verdadeiro e de falso ingressam, para ele, em uma crise irreversível (tradução nossa).

Daí em diante nada mais será como antes ... “licença poética/psicanalítica” para “*turbilhonar*”.

NOTAS DE FIM

- ¹ *Alíngua* é uma possível tradução para o neologismo francês *lalangue*, mas sem dúvida ao traduzir fica perdido o efeito de repetição do “La, La”, próprio da matéria fônica, do lalaleio que caracteriza os momentos iniciais da fala infantil. Tal lalaleio, ou ainda lalação, é o jogo próprio da criança com sua mãe, essa maneira tão especial e única que se dá entre a mãe e seu filho e que podemos chamar língua materna, para diferenciar de idioma. Esses momentos em que a mãe fala ternamente ao seu bebê de maneira tão original, inesperada. Ao marcar a repetição no lalaeio, Lacan marca que este não se situa no terreno do significante, mas sim no de letra - sendo esta a unidade fônica mínima, desprovida de significado.
- ² Outridade – neologismo formado do Outro. Este Outro, com maiúscula, grande outro que Lacan define como tesouro dos significantes e diferencia assim do pequeno outro, do outro enquanto semelhante.
- ³ *Parlêtre* – Lacan propõe esta palavra fazendo uma junção de *parler* (falar) e *être* (ser) para referir-se ao falaser ou ser falante.
- ⁴ *Linguisterie* em francês – trata-se de uma palavra-valise, derivada de *linguistique* (linguística), mas também de *hystérie* (histeria). Ao propor tal palavra-valise, Lacan marca como resulta redefinida a linguística no âmbito da histeria. Assim, coincidimos com Harari quando propõe que a tradução mais acorde com a proposta lacaniana é *linguhisteria*, *linguhistérico*. De tal forma optamos por utilizar esta escrita. No entanto, ao longo do texto, a palavra linguisteria aparece algumas vezes sem “h” para manter a fidelidade do texto citado.
- ⁵ Imaginário, Simbólico e Real - são registros da experiência psíquica conforme propõe Lacan.
- ⁶ *Sinthomalmente* - deriva de *sinthome*, palavra francesa resgatada por Lacan da antiga grafia de sintoma em francês (sintome) para nominar outra coisa distinta do sintoma neurótico. O Seminário 23, traduzido em português como "O Sinthoma", é dedicado a Joyce e ali encontramos todo o complexo desenvolvimento que faz Lacan do conceito de *sinthome* em sua articulação com o saber-fazer-ali-com. A escolha que faz Lacan desta grafia antiga, não é aleatória ou casual porque o *sinthome* é conseguido mediante a invenção de significantes novos, a partir de um novo arranjo com os elementos que geraram o sintoma, mas agora transformados de tal forma, a permitir algum grau de liberdade ao sujeito em seu *savoir y faire avec*.
- ⁷ Epigênese - conceito tomado da fisiologia segundo a qual a constituição dos seres se inicia a partir de célula sem estrutura e se faz mediante sucessiva formação e adição de novas partes que, previamente, não existem no ovo fecundado. A epigênese se opõe ao preformismo.
- ⁸ Indecidível - Junção de indizível com o impossível de dizer.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 4. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

ASCHER, N. Quem lê poesia? *Jornal Folha de São Paulo*. 16.08.2004.

CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo. *Panorama do Finnegans Wake*. 3. ed. Perspectiva: São Paulo, 1986.

FREUD, S. O Ego e o Id. In: *Obras Completas, E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII.

HARARI, R. *La pulsión es turbulenta como el lenguaje*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001.

HARARI, R. *Palavras sem memória e violência da linguagem em Psicanálise*. Notas do seminário ditado em Maiêutica Florianópolis. Março, 2002.

HARARI, R. *El fetichismo de la torpeza y otros ensayos psicoanalíticos*. Colección La clínica en los bordes. Rosário: Homo Sapiens. 2003a.

HARARI, R. *As dissipações do inconsciente*. Porto Alegre: CMC, 2003b.

HARARI, R. *El sujeto descentrado*. Una presentación del psicoanálisis. Buenos Aires: Lumen, 2008.

KOVADLOFF, S; HARARI, R. *Producción Poética. Producción Psicoanalítica*. Mayéutica Institución Psicoanalítica. Buenos Aires. Cuadernillo 11, 1985.

LACAN, J. *Palabras sobre la histeria*. (Bruxelas) 26 de febrero de 1977a. Inédito.

LACAN, J. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário 24. Aula de 19/04/1977b. Inédito.

LACAN, J. *Momento de Concluir*. Seminário 25. Aula de 13/12/1977c. Inédito.

LACAN, J. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário 24. Aula de 10/04/1977d. Inédita.

LACAN, J. *Mais, Ainda*. Seminário 20. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985a.

LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985b.

LACAN, J. "La tercera" In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1991.

LACAN, J. Conferência em Ginebra sobre el síntoma. In: *Intervenciones y textos*. Buenos Aires: Manantial, 1993.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

LIED, Inezinha. *Artificial*. Reunião Lacanoamericana de Psicanálise da Bahia, 1997.

LINSPECTOR, C. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco. 1999.

PAZ, O. *O Arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1982.

PESSOA, F. *Obra em prosa*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A, 1998.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas*. Tempo, caos e as leis da natureza. Unesp: São Paulo 1996.